

QUANDO ESQUECER É APENAS ESQUECER: ACERCA DE UMA POSSIBILIDADE POUCO LEMBRADA NA TEORIA FREUDIANA

WHEM FORGETTING IS JUST FORGET:
ABOUT A POSSIBILITY LESS REMEMBERED IN FREUDIAN THEORY

Carlota Ibertis

Universidade Federal da Bahia
carlota.ibertis@ufba.br

RESUMO: Na *Psicopatologia da vida cotidiana*, Freud utiliza o termo normal para se referir ao esquecimento. Embora não tenha desenvolvido esse ponto por extenso, há indícios de que ele distingue dois tipos de esquecimento: o normal, por uma parte, e o resultante do recalque, por outra. O olvido normal não obedeceria à intencionalidade psíquica de amenizar conflitos, mas apenas à necessidade de seleção de conteúdos para otimizar o funcionamento psíquico. O objetivo desse artigo é evidenciar que para Freud nem toda lacuna na memória seria causada por recalque e que a afirmação acerca da conservação permanente dos conteúdos na memória é ambígua.

PALAVRAS-CHAVE: Esquecimento Normal; Recalque; Condensação; Conservação; Traços Mnêmicos.

ABSTRACT: In the *Psychopathology of Everyday Life*, Freud uses the term normal to refer to oblivion. Although it has not developed this point at length, there is evidence that

he distinguishes two types of forgetting: the normal, on one hand, and the result of repression for another. The normal of forgetfulness not obey the intention of alleviating psychological conflicts, but only to the need for selection of content for optimum mental functioning. The aim of this paper is to show that nor any gap in memory would be caused by repression and that the assertion about the permanent preservation of content in memory is ambiguous in the Freudian theory.

KEY-WORDS: Normal Forgetfulness; Repression; Condensation; Preservation; Mnemic-Trace.

A compreensão mais difundida acerca de como Freud concebia o caráter lacunar da memória atribui esse fenômeno ao efeito do recalque ao tempo que sustenta a conservação de tudo o que se vivencia. Entretanto, na *Psicopatologia da vida cotidiana*, Freud utiliza termos como normal, não-tendencioso e tendencioso para se referir ao esquecimento, acenando em primeiro lugar para diferentes modalidades do fenômeno e, em segundo, levantando suspeitas acerca da tese da conservação permanente de todas as vivências. Para elucidar os significados de esquecimento na concepção freudiana, faz-se necessário começar distinguindo entre traço mnêmico e representação.

TRAÇO MNÊMICO E REPRESENTAÇÃO

No texto sobre as afasias, Freud introduz a questão do traço mnêmico perguntando-se pelo correlato fisiológico da idéia que surge pela primeira vez ou daquela que volta a surgir. Tal correlato é caracterizado possuindo caráter processual, ou seja, não-estático, mas localizável. Começando em um ponto específico do córtex se estende por ele todo e ao longo de certas vias:

Quando esse fato tem lugar, deixa atrás de si uma modificação, com a possibilidade de uma lembrança, na parte do córtex afetado. É muito duvidoso que esse sucesso fisiológico esteja associado de algum modo com algo psíquico. Nossa consciência não contém nada que, desde o ponto de vista psicológico, possa justificar o termo “imagem latente da lembrança”. No entanto, cada vez que

o mesmo estado cortical volta a ser suscitado, o sucesso psíquico anterior surge novamente como lembrança.

([1891] 1992, p.99-100; 1973, p.71)

Freud se vale dessa breve descrição de traço mnêmico¹ para problematizar a relação entre processos físicos e psíquicos. Se estes últimos são identificados com processos conscientes, não há indício de ligação entre ambos os tipos de processos e, no entanto, cada vez que se apresenta o mesmo estado cortical, segue-se a lembrança. O parágrafo pretende ser uma aplicação do princípio de distinção entre processos fisiológicos e psicológicos sem por isso deixar de constatar certa relação de concomitância.

No *Projeto*, as noções de traço mnêmico e de representação estão na base da concepção de memória entendida como as diferenças das facilitações entre os neurônios **y**. Assim entendida, a memória cumpre as funções de registro e conservação; mais do que isso, ela é, também, a capacidade que as vivências possuem de continuar produzindo efeitos depois de passadas (FREUD, [1895 -1950] 2003, p.180; 1976, AE, I, p345).

Os traços mnêmicos são o que resta do curso excitatório entre **j**, **y** e **w**. Dado o ato perceptivo, estabelecem-se os traços mnêmicos que poderão tornar-se, ou não, rememoração consciente. Os traços mnêmicos não têm qualidades sensíveis dos objetos ou fatos registrados, mas são as condições de possibilidade para que as imagens correspondentes apareçam, desde que investidos e com o aporte de **w**, em cujo caso tratar-se-ia de representações conscientes. De modo que

se estabelece uma distinção não apenas entre percepção e representação, mas também entre traço mnêmico e representação.

Em torno da questão da capacidade de armazenamento, a tese da incompatibilidade das funções de percepção e memória é sustentada ao longo da obra de Freud, ganhando destaque tanto no *Projeto* quanto no *Bloco mágico*. Ao considerar a abordagem freudiana, deve-se acrescentar que seu foco de atenção é a dimensão emocional das vivências². Assim, o esquecimento adquire o caráter de defesa do psiquismo, mesmo que nem sempre bem-sucedida. A memória é concebida como arquivo em contínua transformação, mas de acesso condicionado tanto pela tendência psíquica que se recusa a reproduzir vivências que possam liberar desprazer quanto pelo desgaste dito normal.

Processo autônomo, o esquecer segue uma regra dupla: por uma parte, o que não importa³ é ou bem esquecido ou bem aproveitado na desfiguração para burlar a censura; por outra, o importante que provoca conflito é recalçado. Portanto, examinar o esquecimento na teoria freudiana implica atentar de forma especial, porém não exclusiva, para o recalque. É preciso notar que essa não é a única modalidade possível de esquecimento concebida por Freud.

TIPOS DE ESQUECIMENTO

Encontra-se aqui em jogo a diferença entre não lembrar porque nossas representações são ofuscadas progressivamente ou porque elas são barradas para evitar desprazer. O primeiro caso responde ao que Freud chama “esquecimento normal”

ou “não-tendencioso”; o segundo, ao recalque. Em *Sobre o mecanismo dos fenômenos histéricos*, a representação cujo afeto foi suficientemente desenvolvido e tramitado sofre um “desgaste” considerado normal ([1893] 1976, AE, III, p.38). Uma observação sobre o processo de condensação, em nota ao livro sobre o chiste, também menciona isso:

Além do trabalho do sonho e a técnica do chiste, pude registrar a condensação como um processo regular e significativo em outro acontecer anímico, o mecanismo do *olvido* normal (não-tendencioso)[...] (FREUD, [1905] 1940, GW, VI, p. 192n; 1976, AE, VIII, p. 161n)

No final do primeiro capítulo da *Psicopatologia* lemos:

Teremos exposto a relação de coisas com suficiente cautela se enunciarmos: *Junto ao esquecimento simples de nomes próprios, apresenta-se também um esquecimento que está motivado por recalque* (itálicas do autor). ([1901] 1941, GW, IV, p.12; 1976, AE, VI, p.15)

Em nota ao capítulo seguinte, refere-se ao esquecimento motivado por recalque como esquecimento tendencioso ([1901] 1941, GW, IV, p.18n ;1976, AE, v. VI, p.20n), alusão indireta ao normal ou não-tendencioso. Embora Freud não tenha desenvolvido esse ponto por extenso, há indícios de que ele distingue estes dois tipos de esquecimento: o normal⁴, por uma parte, e o resultante do recalque, por outra. O olvido normal não obedeceria à intencionalidade psíquica de amenizar conflitos, mas apenas à necessidade de seleção de conteúdos para otimizar o funcionamento

psíquico. Em outras palavras, nem toda lacuna na memória seria causada por recalque; existem vivências indiferentes que não são inconciliáveis com outras representações, que não provocam desprazer e, no entanto, não acodem à evocação. Na *Psicopatologia da vida quotidiana* lemos:

As condições básicas do processo normal do esquecimento são desconhecidas. Além disso, aprendemos que nem tudo o que se considera esquecido o está efetivamente. Nossa explicação refere-se somente aqui aos casos em que o esquecimento provoca em nós estranheza por infringir a regra segundo a qual se esquece o que não tem importância, enquanto que a memória guarda o importante. A análise dos exemplos de esquecimento que parecem demandar um particular esclarecimento estabelece como seu motivo, em todos os casos, um desprazer de recordar algo que pode despertar sensações penosas. ([1901] 1941, GW, IV, p.304; 1976, AE, VI, p.266)

É possível que a falta de desenvolvimento do esquecimento normal se deva a que, para Freud, o que está em jogo e requer de aceitação é a tese do inconsciente como sistema e a noção de recalque, fundamentais para a especificidade de sua teoria, não assim a idéia de esquecimento. Em todo caso, a primeira frase do parágrafo acima citado, que fala sobre as condições do esquecer normal, é complementada pela seguinte nota do próprio Freud, que nos permitimos reproduzir na íntegra, dada a relevância da mesma para nosso tema:

Sobre o mecanismo de esquecimento em sentido estrito posso dar as seguintes indicações: O material mnêmico

está submetido em geral a duas influências: a condensação e a desfiguração {deslocamento}. Esta última é obra das tendências que governam dentro da vida anímica, e se dirige sobretudo contra os traços mnêmicos que conservaram eficiência afetiva e se mostraram mais resistentes à condensação. Os traços devidos indiferentes caem sob o processo condensador sem se defender contra este; no entanto, pode-se observar que, além disso, umas tendências desfiguradoras saciam-se no material indiferente toda vez que ficaram insatisfeitas ali onde queriam se exteriorizar. Como esses processos da condensação e da desfiguração se estendem por longos períodos, durante os quais todas as vivências recentes contribuem a replasmar o conteúdo da memória, costuma-se acreditar que é o tempo que torna incertas e desfaz as recordações. Muito provavelmente no que diz respeito ao esquecimento não se possa falar de uma função direta do tempo. ([1901] 1941, GW, IV, p.304n; 1976, AE, VI, p.266n)

As poucas referências⁵ de Freud ao esquecer normal o incluem dentro do que ele denomina “esquecimento em sentido estrito” para diferenciá-lo dos outros mecanismos analisados na mesma obra como atos falhos, perturbações na escrita ou na leitura, etc. “Esquecimento em sentido estrito” nomeia tanto o esquecimento tendencioso quanto o não-tendencioso. Esse esquecer normal, não-tendencioso, aconteceria sobre o material dos traços mnêmicos cujo conteúdo é indiferente e, por essa razão, sofrem condensação sem resistência. Esse material pode ser aproveitado na desfiguração de um conteúdo afetivamente relevante.

De forma diversa, os traços mnêmicos que conservam eficácia afetiva resistindo à condensação sofrem a ação do deslocamento para vencer tal resistência e, então, submetê-los à condensação. Nesse caso já não se trataria de um esquecer normal, pois haveria a “intenção” de obnubilar a lembrança para evitar desprazer, se transformando em um processo tendencioso. Por contraposição, a condição do esquecimento normal residiria, então, em que uma representação tenha seu afeto tramitado pelos diversos procedimentos da vida consciente, seja por correção associativa, por reação emocional, verbal ou física ou por oposição com representações contrastantes.

FUNCIONALIDADE DO ESQUECER

Em última instância, Freud pensa o psiquismo e, claro, a memória como recursos adaptativos. Conservar informações constitui a base de qualquer aprendizagem fundamental para tal fim. Mas para manter a funcionalidade se impõe a necessidade de selecionar o material a ser guardado. A memória também supõe, como diz Iván Izquierdo, a arte de esquecer. Bem pensado, uma capacidade infinita de memorizar não acarreta vantagem. O “memorioso” da ficção borgeana⁶ e o paciente “S.” de Luria⁷ dão uma idéia disso.

Funes recordava todos os detalhes a tal ponto que, para lembrar um dia, precisava de um dia. Na realidade, o paciente de Luria não conseguia apagar lembranças de detalhes sem importância que acabavam atrapalhando a compreensão de situações. Os dois exemplos falam da

necessidade de separar informações, discriminá-las e deixar de lado algumas de modo a privilegiar outras. Pensar, generalizar e abstrair requerem esquecer diferenças, defende Borges. Paradoxalmente, a memória excepcional de S. lhe ocasionava problemas na hora de lembrar rostos ou acompanhar a leitura de uma história.

“A expressão de uma pessoa depende do seu humor e das circunstâncias em que se dá o encontro. O rosto das pessoas muda constantemente; são as diferentes gradações de expressão que me confundem e fazem com que seja tão difícil recordar rostos”. (LURIA, 2006, p.55)

Reações sinestésicas que podiam auxiliar em alguns casos a rememoração tornavam-se obstáculo à memória. Pois, ao invés de fazer como as outras pessoas e escolher certos aspectos para recordar rostos, o paciente “via rostos como padrões mutativos de luz e sombra, o mesmo tipo de impressão que uma pessoa teria se ficasse sentada à janela observando o fluxo e refluxo das ondas do mar” (2006, p.55). Estudos feitos em animais revelam que a capacidade de formar, armazenar e evocar memórias é limitada e seus mecanismos se saturam com relativa rapidez. Os procedimentos que evitam essa saturação permitem não se confundir em meio às próprias recordações (IZQUIERDO, 2004, p.97). Poder esquecer, então, passa a ser algo desejável sob certas condições.

Longe de ser uma falha no funcionamento do psiquismo, esquecer é um recurso necessário. Dentre as vantagens

acarretadas, o esquecimento está a serviço do pensar. Como Funes e S. fazem patente, formar conceitos exige esquecer detalhes acidentais. Dito em termos freudianos, conceituar supõe submeter as lembranças à condensação ([1901] 1941, GW, IV, 148n; 1976, AE, VI, p.134n). “Impressões singulares oferecem dificuldades ao olvido”; ao contrário, impressões análogas são facilmente condensadas com base nos seus pontos de contato, negligenciando as características individuais presentes nas diversas representações condensadas entre si. Assim, a confusão de impressões semelhantes causada pela condensação é um dos estágios prévios do esquecimento (FREUD, [1905] 1940, GW, VI, p.192n; 1976, AE, VIII, p.161n).

Um caso limítrofe entre o esquecimento normal e o recalque parece ser o das recordações dolorosas, pois não são indiferentes, mas não apresentam a característica de serem inconciliáveis com as restantes representações. Para domá-las, o fator decisivo não é o tempo, pois, ao contrário, a repetição reforça associações e, portanto, não poderia nunca enfraquecer a capacidade afetiva. As recordações dolorosas são domadas pela inibição da energia ligada do eu promovida pelas ocupações laterais. Dadas no tempo, estas ocupações laterais abaixam o fluxo de excitação da vivência dolorosa de modo que esta não possa provocar alucinação nem liberar senão um mínimo de desprazer. Ao deixar de ser percorrida a facilitação correspondente à recordação de dor, a resistência das barreiras de contato é renovada (FREUD [1895 — 1950] 2003, p.253-5; 1976, AE, I, p.429-431). Isso cumprido, em segundo lugar, o esquecimento acontece por condensação com outras recordações.

No transcurso do tempo, condensação e deslocamento remodelam o conteúdo da memória dando a impressão de ser o tempo o fator modificador (FREUD, [1901] 1941, GW, IV, 304n; 1976, AE, VI, p.266n); porém, não é esse fator que desgasta a recordação, mas os mecanismos psíquicos que se dão *no* tempo e aos que esta se submete. De modo que, contrário ao senso comum, Freud nega que o esquecimento, em quaisquer dos dois sentidos - esquecimento não-tendencioso ou recalque - seja efeito do tempo ([1895 — 1950] 2003, p.253-4; 1976, AE, I, p.429-30). Enquanto o conteúdo indiferente e não aproveitado pela censura sofre o desgaste via condensação, o conteúdo significativo permanece.

CONSERVAÇÃO DOS TRAÇOS MNÊMICOS

Assim, a abordagem da noção de esquecimento requer salientar o fato que esquecer não implica necessariamente a destruição dos traços mnêmicos correspondentes. Em *O Mal-estar*, encontramos a imagem de Roma na tentativa de representar - sem sucesso - a tese da conservação mnêmica dos estágios anteriores e do último. A memória conserva o primitivo juntamente com o que nasceu deste por transformação. Isso se explicaria por uma divisão no desenvolvimento em que parte de uma moção pulsional se conserva não-modificada enquanto outra sofre transformações ulteriores ([1929-30] 1948, GW, XIV, p.426 — 428; 1976, AE, XXI, p.69 - 70).

Isso remete, em primeiro lugar, à questão da permanência das inscrições anteriores junto com as posteriores ou, em termos do capítulo VII da *Traumdeutung*, a co-presença de traços mnêmicos - relativos a um mesmo conteúdo - nos sistemas inconsciente, pré-consciente e consciente ou, ainda nos termos dos *Studien*, a questão da multiplicidade da memória em diferentes arquivos. Nesse ponto, parece haver certa indecisão no pensamento freudiano, pois depois de propor, no capítulo VII, uma alternativa à hipótese tópica segundo a qual as transcrições são, elas mesmas, os estados anteriores modificados, o texto de 1930 sugere novamente a idéia da conservação das inscrições junto a suas posteriores transcrições.

Em segundo lugar, e relacionado com o anterior, isso também visa à característica atemporal das representações recalçadas que permanecem inalteradas no inconsciente. Na antes mencionada nota 64⁸ à *Psicopatologia*, Freud adianta a noção da atemporalidade do inconsciente. Os traços mnêmicos recalçados não sofrem alterações. Em concordância com a imagem de Roma, como acabamos de salientar, em *O Mal-estar* é dito que todas as impressões se conservariam tal como foram recebidas e, também, tal como foram se desenvolvendo posteriormente. Freud conclui:

Teoricamente, então, cada estado anterior do conteúdo da memória poder-se-á restabelecer para a recordação ainda que todos os seus elementos tenham trocado há muito seus vínculos originários por outros novos. (FREUD, [1901] 1941, GW, IV, 304n; 1976, AE, VI, p.266n)

Apesar da dificuldade para intuir essa característica psíquica, a constatação freudiana indica que a conservação seria a regra e não a exceção ([1929-30] 1948, GW, XIV, p.429; 1976, AE, XXI, p.72). Segundo isso, o que se formou alguma vez na psique, perdura nela e seu conteúdo pode ser trazido à luz sob certas condições e nas suas diversas transcrições.

Todavia, em *Mal-estar na cultura*, Freud mostra certa cautela quanto à certeza de que absolutamente todo conteúdo possa ser recuperável ([1929-1930] 1948, GW, XIV, p.429; 1976, AE, XXI, p. 72). Em *Construções em análise* afirma que *tudo o essencial* (grifos nossos)⁹ se conserva, até o que parece esquecido por completo ([1937] 1948, GW, XVI, p.46; 1976, AE, XXIII, p.262). A questão é como interpretar “tudo o essencial”. Abre-se com isso a possibilidade de que apenas os traços mnêmicos das vivências psicologicamente significativas sejam conservados.

Todavia, a interpretação que defende a permanência de toda e qualquer inscrição mnêmica continua presente como possibilidade nos textos freudianos¹⁰. Isso parece dever-se à importância das noções de recalque e de representações inconscientes vinculadas à memória concebida como múltipla. Nesse ponto, parece haver uma generalização indevida em relação à teoria freudiana ao afirmar que, de acordo com ela, nossa memória conserva absolutamente tudo o que vivenciamos. Que as recordações fragmentárias possam esconder representações recalçadas não significa que toda lacuna mnêmica seja necessariamente fruto de recalque e, portanto, que todos os traços mnêmicos correspondentes a tais representações se conservem.

Esse esquecer normal, não-tendencioso, acontece por condensação sobre o material dos traços mnêmicos cujo conteúdo é indiferente. É possível pensar que concomitantemente ao processo de ofuscamento por condensação do conteúdo ideativo de uma vivência insignificante desapareçam progressivamente as facilitações¹¹ e, portanto, também os traços mnêmicos correspondentes a essa mesma vivência insignificante. É concebível que, assim como o poder de efetividade de uma vivência dependa da intensidade de sua impressão e da frequência de sua repetição ([1895 — 1950] 2003, p.180, AE, I, 1976, p.345), a conservação do traço mnêmico correlativo dependa também desses mesmos fatores determinantes. Como entender a renovação das barreiras de contato ao deixar de ser percorrida a facilitação correspondente senão como desaparecimento do traço mnêmico (FREUD [1895 — 1950] 2003, p.253-5; 1976, AE, I, p.429-431)?

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Após constatar a distinção freudiana entre formas de esquecimento, detivemo-nos nas noções de traço mnêmico e representação com o propósito de fornecer subsídios para compreender o alcance e conotações em jogo. A seguir, apresentamos a funcionalidade do esquecer através de dois exemplos alheios à teoria freudiana, um literário e outro científico, a fim de evidenciar a importância teórica do esquecimento chamado normal e da hipótese de perda de traços mnêmicos, examinada na última seção.

Para Freud, a questão da memória abrange tanto aquelas vivências prescindíveis por indiferentes quanto aquelas que, sendo valiosas não podemos, mesmo querendo fazê-lo, nos desvencilhar. Desse modo, o esquecimento, entendido como a dificuldade para acessar representações, resulta do recalque e se diferencia do esquecimento normal, entendido como a impossibilidade de recuperar representações¹². O problema nesse ponto gira em torno da causa dessa impossibilidade, ou seja, de se se trata da perda de traços mnêmicos ou de alguma outra causa.

A hipótese da perda de traços mnêmicos não implica perigo para a teoria freudiana como um todo, pois não se trata da perda de quaisquer traços mnêmicos, mas apenas daqueles cujas vivências nem possuem valor psíquico, nem estão associadas a outras com valor psíquico. Em outras palavras, o esquecimento chamado normal não atinge os traços mnêmicos das vivências suscetíveis de sofrer recalque. Tampouco se trata de ignorar a receptividade do sistema psíquico, porque não se nega a formação de traços mnêmicos, apenas se rejeita a conservação permanente e indiscriminada de todos aqueles que alguma vez se formaram.

Mais uma vez, a dificuldade em interpretar o pensamento freudiano parece residir na tensão inerente a ele entre o que Ricoeur chamou da dimensão energética e da hermenêutica ou entre o que poderíamos caracterizar como o interesse neurofisiológico e o interesse psicológico. Soma-se a isso, por uma parte, certa vagueza na expressão de Freud ao se referir ao material mnêmico e às imagens mnêmicas, por outra, o fato de não ter redefinido após 1900 o termo traço mnêmico.

Por último, este texto não teve maior pretensão que a de explicitar uma distinção estabelecida por Freud nos inícios de sua teorização e que amiúde passa despercebida e, ao mesmo tempo, indicar a ambigüidade no texto freudiano que tal distinção introduz acerca do destino do traço mnêmico. Embora não seja central, atentar para essa distinção pode fornecer elementos para, em primeiro lugar, melhor compreender o horizonte científico freudiano e para, em segundo lugar, examinar de forma mais precisa as relações dessa teoria com os avanços contemporâneos das ciências da memória.

NOTAS

¹ Nascido no âmbito neurofisiológico o conceito de traço mnêmico parece conservar sempre um certo lastro físico que caracteriza sua natureza como fronteira entre o orgânico e o psicológico.

² Acompanhamos a esse respeito a tese de Monique Schneider acerca do papel fundamental do afeto junto à representação para compreendermos a vida psíquica normal e patológica.

³ “Importa” aqui deve ser entendido como afetivamente significativo.

⁴ Termo utilizado em nota acrescida em 1907 à *Psicopatologia*, mencionada na nota seguinte.

⁵ A fonte dessas noções é essa nota acrescida em 1907 à *Psicopatologia*. Cf. também na mesma obra ([1901] 1941, GW, IV, 148n; 1976, AE, VI, p.134 n), consta uma antecipação dessas idéias. Em *O chiste e sua relação com o inconsciente*, ([1905] 1940, GW, VI, p.192n; 1976, AE, VIII, p.161), nota antes citada e no *Projeto*, ([1895 — 1950] 2003, p.253-4; 1976, AE, I, p.429-30).

⁶ Personagem do conto “Funes, el memorioso” in BORGES, Jorge Luis, *Obras completas*, Buenos Aires, Emecé, vol I, p.485-90.

⁷ “S.” é o nome com o qual Luria chama o homem cuja memória excepcional e sua experiência são apresentadas em *A mente e a memória: um pequeno livro sobre uma vasta memória*.

⁸ Nota acrescida em 1907 à *Psicopatologia da vida cotidiana*.

⁹ “Alles Wesentliche ist erhalten, selbst was vollkommen vergessen scheint, ist noch irgendwie und irgenwo vorhanden, nur verschüttet, der Verfügung des Individuums unzugänglich gemacht” (Conservou-se tudo o essencial, mesmo o que parece esquecido por completo; isso ainda está presente de algum modo e em alguma parte, somente que soterrado e inacessível ao indivíduo.).

¹⁰ Exemplo da capacidade de conservação indiscriminada da memória é fornecido pelos sonhos em que se apresentam situações das quais não recordamos nada e, no entanto, se descobre mais adiante que se trata de verdadeiras vivências ([1900] 1972, SA, II, p.43 - 44; 1976, AE, IV, p.43).

¹¹ Nas neurociências, acredita-se que a maioria das memórias é perdida por desuso das sinapses. Outras se perdem pela desapareção de sinapses seja por morte celular, seja por perda de axônios ou de dendritos (Izquierdo, 2004, p.48).

¹² As poucas referências (notas à *Psicopatologia da vida cotidiana* e a *O Chiste e a sua relação com o inconsciente* e referências no *Projeto de psicologia* e em *Sobre o mecanismo dos fenômenos histéricos*) de Freud ao esquecer normal ou não-tendencioso o incluem dentro do que ele denomina “esquecimento em sentido estrito” para diferenciá-lo dos outros mecanismos como atos falhos, perturbações na escrita ou na leitura, etc.

REFERÊNCIAS

BORGES, Jorge Luis. “Funes, el memorioso” in, *Obras completas*, Buenos Aires, Emecé, v. I, p.485-90.

FREUD, Sigmund. *Zur Auffassung der Aphasien. Eine kritische Studie*, Fankfurt: Fischer Taschenbuch Verlag, [1891]1992.

FREUD, Sigmund. *La Afasia*, Buenos Aires: Nova Visión, [1891]1973.

FREUD, Sigmund. Studien über hysteric. *Gesammelte Werke*, Frankfurt: S. Fischer Verlag, B. I, 1952.

FREUD, Sigmund. Estudios sobre histeria. *Obras Completas*, Buenos Aires: Amorrortu., v. II, [1893-5] 1976.

FREUD, Sigmund. Sobre el mecanismo psíquico de fenómenos históricos. *Obras Completas*. Tradução Etcheverry. Buenos Aires: Amorrortu, v. III, [1893] 1976.

FREUD, Sigmund. Projeto de uma psicologia in: GABBI Jr., Osmyr Faria, *Notas a Projeto de uma psicologia: as origens utilitaristas da psicanálise*, Rio de Janeiro: Imago, [1985 – 1950] 2003.

FREUD, Sigmund. Proyecto de psicología. *Obras Completas*. Tradução Etcheverry. Buenos Aires: Amorrortu, v. I, [1985 – 1950]1976.

FREUD, Sigmund. Die Traumdeutung. *Freud - Studienausgabe*, Frankfurt: S. Fischer Verlag, B. II, 1972.

FREUD, Sigmund. La Interpretación de los sueños. *Obras Completas*. Tradução Etcheverry. Buenos Aires: Amorrortu, v. IV e V, [1900] 1976.

FREUD, Sigmund. Zur Psychopathologie des Alltagslebens (Über Vergessen, Versprechen, Vergreifen, Aberglaube und Irrtum). *Gesammelte Werke*, Frankfurt: S. Fischer Verlag, B. IV, [1901 – 1904] 1941.

FREUD, Sigmund. Psicopatología de la vida cotidiana. *Obras Completas*. Tradução Etcheverry. Buenos Aires: Amorrortu, v. VI, [1901] 1976.

FREUD, Sigmund. Der Witz und seine Beziehung zum Unbewussten. *Gesammelte Werke*, Frankfurt: S. Fischer Verlag, B. VI, [1905] 1940.

FREUD, Sigmund. El chiste y su relación con lo inconsciente. *Obras Completas*. Tradução Etcheverry. Buenos Aires: Amorrortu, v. VIII, [1905] 1976.

FREUD, Sigmund. Notiz über den “Wunderblock”. *Gesammelte Werke*, Frankfurt: S. Fischer Verlag, B. XIV, [1924 – 1925] 1948.

FREUD, Sigmund. Nota sobre la “pizarra mágica”. *Obras Completas*. Tradução Etcheverry. Buenos Aires: Amorrortu, v. XIX, [1924 - 1925] 1976.

FREUD, Sigmund. Das Unbehagen in der Kultur. *Gesammelte Werke*, Frankfurt: S. Fischer Verlag, B.XIV, [1929 – 1930] 1948.

FREUD, Sigmund. El Malestar en la cultura. *Obras Completas*. Tradução Etcheverry. Buenos Aires: Amorrortu, v. XXI, [1929 – 1930] 1976.

FREUD, Sigmund. Konstruktionen in der Analyse. *Gesammelte Werke*, Frankfurt: S. Fischer Verlag, B. XVI, [1937] 1948.

FREUD, Sigmund. Construcciones en análisis. *Obras Completas*. Tradução Etcheverry. Buenos Aires: Amorrortu, v. XXIII, [1937] 1976.

IZQUIERDO, Iván. *A arte de esquecer: cérebro, memória e esquecimento*, Rio de Janeiro: Vieira & Lent, 2004.

LURIA, Alexander Romanovich. *A mente e a memória: um pequeno livro sobre uma vasta memória*. Tradução Claudia Berliner, 2ª ed., São Paulo: Martins Fontes, 2006.

SCHNEIDER, Monique. *Afeto e linguagem nos primeiros escritos de Freud*. Tradução Mônica Seincman, São Paulo: Escuta, 1993.